

## **Transitar entre mundos ao caminhar e fotografar: Notas de percursos no mercado central de Belo Horizonte**

*Moving between worlds when walking and photographing: Route notes in the central market of Belo Horizonte*

**Daniel Macêdo**

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, MG, Brasil

[daniel.3macedo@gmail.com](mailto:daniel.3macedo@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-1415-7792>

*Recebido em: 30 de dezembro de 2023*

*Aceito em: 30 de janeiro de 2024*

## **Resumo**

Um dos ícones urbanos da cidade planejada de Belo Horizonte, o Mercado Central é um espaço transitório marcado pelo enredamento de distintos mundos que o habitam e que nele coexistem. Em modos desarmônicos e, por vezes, conflitivos, os mundos entramados no Mercado são sensíveis a quem nele se enreda e a quem confronta imagens e produz imaginários sobre/com o espaço. Neste rumo, este trabalho é uma experimentação teórico-metodológica a partir do diálogo com a pensadora Sílvia Rivera-Cusicanqui ao realizar atos de caminhar e fotografar como práticas epistêmicas para transitar entre mundos.

**Palavras-chave:** Caminhar; fotografar; Mercado Central; Belo Horizonte; Sílvia Rivera-Cusicanqui.

## **Abstract**

One of the urban icons of the planned city of Belo Horizonte, the Central Market is a transitory space marked by the entanglement of different worlds that inhabit it and coexist within it. In disharmonious and sometimes conflicting ways, the worlds entangled in the Market are sensitive to those who become entangled in it and to those who confront images and produce imaginaries about/with the space. With this in mind, this work is a theoretical-methodological experiment based on a dialog with the thinker Sílvia Rivera-Cusicanqui, by carrying out acts of walking and photographing as epistemic practices for moving between worlds.

**Keywords:** walking; photography; Central Market; Belo Horizonte; Sílvia Rivera-Cusicanqui.

## Notas sobre encontrar-se no Mercado Central.

Eram meus primeiros dias em Belo Horizonte quando, guiado por Prussiana Fernandes, descobri o Mercado Central. Admitindo o deambular como uma qualidade das caminhadas quando nos abrimos aos encontros imprevisíveis, Prussiana Fernandes (2024) tem dedicado suas pesquisas a discutir as poeticidades do cotidiano emergente com a cidade se com ela nos permitimos desalinhar os caminhos. Estes também eram os primeiros dias da maranhense Poliana Sales e do mineiro Felipe Gonzaga na cidade e, conosco, seguiam as pistas identificadas por Prussiana ao embalarmos nossos corpos pelo mercado. Não tinha um caminho ao certo, tinha o nosso desejo se entramando com as coisas e os processos que aconteciam conosco e que nos chamavam a seguir, a parar, a conjugar um mundo de significados em razão das experiências.

No itinerário dos contatos iniciais na cidade, o Mercado nos foi prometido como um palco mágico em que experiências imprecisas sobre a vida na capital de Minas Gerais poderiam ser tateadas. Ir ao mercado, ao que nos diziam, era uma forma sensorial de ver a cidade nos sabores dos queijos, no ardor da cachaça e no fluxo do centro urbano. Foi lá onde comi tropeiro pela primeira vez, onde encontrei meu refrigerante favorito produzido no Ceará e, nisto, novos e velhos conhecidos se encontravam.

Diferente de estar perdido, condição em que o desnorteio retira-nos o prumo da caminhada; atravessar os (des)conhecidos no Mercado e na cidade que me acolhera era uma forma em potência de me encontrar neste lugar. Com o peito aberto às descobertas, parecia-me que seguir sem rumos precisos entre as galerias era uma forma de “corazonar”, de construir saberes que não estão situados na lógica racional e que emergem a partir das experiências aos vivê-las como nos ensina a pesquisadora aimará Silvia Rivera-Cusicanqui (2018). Ao acirrar com a epísteme moderna e as homogeneizações atribuídas aos espaços e aos saberes, a pensadora radicada na Bolívia convida-nos atenção às encarnações, às marcas constituídas no/com o corpo pelos quais mundos em potência são criados sob significações instáveis e movediças.

O ato de “corazonar” como prática de conhecimento não é uma invenção de Rivera-Cusicanqui (2018), mas uma partilha a partir dos saberes andinos que posicionam nas dinâmicas cotidianas a força para compor mundos de sentidos que coexistem em dinâmicas desarmônicas. Não à toa, a pesquisadora mexicana Diana Taylor (2020) retoma o termo a partir dos escritos de Rivera-Cusicanqui (2018) para

discutir as sensibilidades como força motriz das memórias que, por sua vez, são insurgentes frente às colonialidades que assolam o continente e que enrijecem as espacialidades em homogeneizações. Abrir-se ao devir das sensibilidades ao caminhar é, aqui, uma prática epistemológica pelas quais as heterogeneidades criativas nos enredamentos entre lugares, coisas, pessoas e temporalidades desaterram a possibilidade de explicações estáveis e nos convocam a ver os saberes que urgem a cada caminhada.

As paredes e os limites de um Mercado já não o definem se admitirmos que as presenças de agentes distintos e as negociações que ali se enredam assentam tanto dinamizam o espaço como uma arena de mundos de sentidos em movimentos, quanto instabilizam a lógica linear do tempo se valorizarmos as diferentes políticas do presente que ali se entramam. Estes apontamentos, firmados a partir dos apontamentos de Taylor (2020) e de Rivera-Cusicanqui (2018), constituem-se como orientações para perder-se da retidão dos corredores; e, nas deambulações e nas sensibilidades, mirar as tensões que se dão nos encontros dos mundos que se erguem e que se colidem no Mercado Central.

Diferente de saber sobre algo, estes são apontamentos para saber ‘com’ algo deixando-nos atravessar. Assim, o Mercado já não se encerra em saberes quantificáveis ao passo em que segue vivo e que vivê-lo é uma via em potência para descobrir mundos que coexistem no mesmo espaço. Saber com o mercado ao deambular é, tal qual propõem Leal, Sales e Macêdo (2022), admitir o corpo como espaço de escrita dos saberes a partir das experiências. Tomas as experiências com as espacialidades como um modo de saber não é um gesto simples, como antevira Bruno Leal (2023) ao apontar-nos as implicações epistêmicas com esta “opção pelo fragmento, pelo pequeno, pelo indicial como forma de alcançar questões ou aspectos sociais mais complexos e amplos”; isto é, em detrimento do caráter icônico do Mercado pelo qual demarca-se um ponto na geografia da cidade, conferir as relações que com ele praticamos e, ante ao caráter indicial das experiências, a possibilidade de conferir imagens deveras impuras pelas quais mundos de sentidos dão-se a ver; pelos quais os lugares tornam-se significações das espacialidades a partir das dimensões do micro na vida cotidiana.

É com este ímpeto que tenho caminhado pelo Mercado e, quando acaso volto, sei que aquele espaço de endereço fixo pode volver-se comigo por imagens que já não as controlo, por experiências imprevistas ante ao movimento das galerias, aos cheiros e aos sabores que me convocam a agir no/com a espacialidade. Deambular pelo Mercado é como deslizar pelo tempo: suspendemos a celeridade moderna pensada por Milton

Santos (2003) como uma prática da vida urbana para, em outros ritmos, conferir os modos de viver no/com o tempo que praticamos quando estamos a produzir nossos modos singulares de caminhar. Mais que um trânsito por uma locação da cidade, parece-me que enveredar entre anúncios luminosos e aportes sonoros e olfativos deste Mercado orienta-se a uma *experiência cultural do tempo* que, em diálogo com os textos organizados por Luciana Amormino e Rafael Andrade (2020), os lugares praticados ao caminhar tanto convencionam mundos que coexistem em significações dos espaços, quanto se viabilizam a partir das qualidades que admitimos às relações praticadas no/com o tempo.

Estas percepções, transitórias a cada retorno ao longo dos quase dois anos em que estou a voltar repentinamente ao Mercado, dizem de um lugar que é sempre movediço e disposto a transformar-se em razão das formas que com eles nos envolvemos. Com a chegada da paraense Sibely Nunes e do catarinense Lucas Weber, um casal de amigos jornalistas que estavam na cidade em maio de 2023, saímos pelo Mercado em busca de uma certa banca que fornece um queijo deliciosíssimo.

Esta banca, que me fora apresentada por Prussiana em meu primeiro contato com o Mercado, é sempre inalcançável. Por mais que tente gravar a imagem do lugar, quando retorno jamais encontro com retidão. É preciso sempre seguir por caminhos incertos para, me encontrando pelo Mercado, alcançar as referências visuais que me ajudam a posicionar a bendita venda de laticínios; para achá-la e solicitar descaradamente degustação dos produtos. Este passou a ser um ritual conferido por uma memória que se renova a cada experiência, que ganha camadas de significação em razão dos novos percursos; sem, no entanto, conseguir aprender um caminho direto para chegar ao lugar desejado. Diferente de outras andanças, também me acompanhava de uma Nikon D5300 munida de uma lente 18-170mm com os quais me permitia inscrever visualmente aquelas experiências e, com isso, conferir esta qualidade entre caminhar e fotografar como um experimento teórico-metodológico para transitar entre mundos em significações – que delineia-se neste texto.

Neste rumo, estes escritos são notas de experiências ao caminhar por um lugar que nunca é o mesmo, que é sempre particular em razão das agências no/com espaço – o que me incluí, na qualidade de caminhante. Para escrita das sensibilidades, segui inscrições fotográficas dos caminhos ali trilhados e dos mundos de sentidos que partilhava com os outros e que via ruir a minha frente. Como nos propõe Rivera-Cusicanqui (2015) ao fundamentar apontamentos epistêmicos para sociologias

das imagens, as inscrições visuais não se encerram nas cenas que retratam; se considerarmos as tomadas de posições e os exercícios de poderes que dão-se-a ver ao fazer da fotografia um ato partilhado com os outros.

Ao caminhar e fotografar, as notas partilhadas a seguir constituem-se como reflexões em diálogos com os apontamentos teóricos de Rivera-Cusicanqui e pelos quais nos voltamos tanto a pensar as fricções entre mundos e imaginários a partir de um espaço urbano; quanto a discutir os saberes sensíveis que foram possíveis ao tomar o percurso como uma experimentação, ao escrever com imagens como pratica para habitar e desmontar mundos de sentidos.

### Notas sobre os mundos entramados



Figura 1 – Entrada do Mercado pela Avenida Augusto de Lima  
Fonte: AUTOR, 2023

Orgulhosamente anunciado nas entradas como um dos melhores mercados do mundo, a publicidade institucional do Mercado Central de Belo Horizonte é um chamado a desbravar este pedaço da cidade. A narrativa visual nas portarias propõe ao pedestre, com a entrada, o ingresso em um terreno conectado às dinâmicas mundiais ao situar-nos que o empreendimento está integrado às redes globalizadas de consumo. Os letreiros, para além de posicionar o lugar de legitimação social do Mercado Central, localizam-o como uma peça de quebra-cabeças que, em suas diferenças, se combinam para compor uma imagem homogênea do mundo. Tanto o esforço para singularizar o mercado, quanto para sintetizar a imagem de um mundo coeso conferem gestos de controle ao tentar estabilizar em respostas únicas o que é vívido e constantemente mutável.

Parte da capital mineira, o Mercado é uma arena movediça no centro da cidade e permite o emergir de elos sociais e temporais a partir das dinâmicas transitórias de agentes diversos que ali se propõem a constituir modos de vida e de partilhas simbólicas nas relações horizontais no micro ao entamar pessoas e coisas sob as contradições deste lugar. Assim, ao passo em que a proposição de um mundo uniforme apazigua uma imagem possível ao mercado, outros mundos de sentidos ali coexistem, ali desmoronam e (re)nascem a partir das derivas e dos intercâmbios quando nos propomos a viver o lugar.

As sonoridades do frenesi das ruas em carros acelerados e nas conversas dos transeuntes se combinam com as músicas de sertanejo tocadas em caixas compactas de som e com os chamados atenciosos de comerciantes que te convidam a entrar no Mercado Central de Belo Horizonte quando se caminha pelas redondezas do edifício. As expectativas sobre um mercado urbano não dão conta de encerrar o que ali existe em potência e que torna-se sensível quando nos permitimos transitar pelas lojas, quando nos aceitamos perdidos entre as galerias. Ali é possível traçar percursos incertos e viver experiências impensadas ao aderir e ao recusar degustações de comidas e de bebidas, ao compor aromas com as proposições olfativas que saem das bancas de especiarias e se cruzam nos corredores.

O trânsito de diversos agentes no interior do Mercado, por sua vez, o torna um terreno movediço e incontrolável. Todos os dias, milhares de consumidores e de vendedores se encontram, se confrontam pelos cruzamentos internos; novos produtos são dispostos à comercialização, outros encerram a disponibilidade. Algumas lojas encerram sua vida no mercado, enquanto a oferta de fígado com jiló segue sendo um atrativo gastronômico que compõe o imaginário sobre Belo Horizonte. A cada momento, diferentes mercados ganham vida a partir da entramação entre pessoas e objetos com o espaço que, vertendo-se em lugar, toma um dado contexto pelo qual as experiências palatáveis permitem angular esforços para dizer de mercados possíveis.

Admitir a agência dos diversos atores que se movimentam com o Mercado é, aqui, reconhecer a impossibilidade de encerrá-lo em totalizações. O Mercado é um agente vivo que tensiona as experiências urbanas e as lógicas da cidade, por um lado; enquanto sua existência está permeada pelos movimentos internos e externos que o significam, que o fazem arena das experiências sociais, por outro. Abandonar a ideia de iconicidade de um lugar como um dado único e pertencente ao mundo como um quebra-cabeças nos permite percebê-lo como uma elaboração indiciária, sempre

incompleta em que diferentes mundos se combinam e se colidem. No Mercado Central, diferentes mundos coexistem em constante (re)fazer e em permanente intercâmbio.

Diluir a percepção de um mundo sintético para devir mundos em movimento tem sido a chave para ler sociedades e narrá-las nos exercícios da pesquisadora Silvia Rivera-Cusicanqui (2018) ao lecionar na Universidad Mayor de San Andrés de la Paz, na Bolívia. Para isso, ela retoma as bases epistêmicas dos povos aimarás – da qual ela é integrante – e constituir miradas ch'ixi sobre as relações sociais a fim de desmontar a pureza e a estabilidade das formas modernas. Ch'ixi, que pode ser traduzido para português como 'cinza', como 'mesclado', é uma metáfora visual sobre combinações de cores que, em nuances, deixam ver múltiplas camadas coexistindo em atravessamentos. Ao nos propormos ver este Mercado urbano como um processo ininterrupto em constante movimento em detrimento de uma forma finalizada, nos aproximamos das formulações de Rivera-Cusicanqui (2015, 2018) em que o reconhecimento das diferenças constituintes dos modos de ver denotam a impossibilidade de uma fotografia única e panorâmica que consiga estabilizar a sociedade em um dado tempo, em um dado dispositivo narrativo.

Ao posicionar o micro articulado ao macro das experiências como potência em saberes, há uma dimensão corporalizada que valoriza os vividos e as encarnações de saberes mobilizados por uma dada comunidade de sentidos que angula modos de significar e de atribuir percepções. Somos convidados a pensar em termos de um corpo-memória que transpõe e que acirra com o raciocínio moderno, quando Rivera-Cusicanqui (2010, p. 69, tradução nossa) demarca: “me considero ch'ixi e considero a esta a tradução mais adequada da mescla abigarrada que somos as e os chamadas mestiças e mestiços”. Essa proposição é, para Liz Dalfré (2023), fundamental para compreensão dos modos de pensamento praticados por Rivera-Cusicanqui pois revela “o encontro entre [pelo menos] dois mundos”.

A admissão de mundos em coexistência, convocada por Rivera-Cusicanqui (2018), não se trata, aqui, de reivindicar o pensamento ch'ixi transpondo-o a outros regimes culturais. O Ch'ixi diz respeito a uma epistemologia encarnada e contextualizada aos marcos culturais aimarás e que, como destaca Amanda Kovalczuk (2022), é deveras específicas e diz respeito aos modos de ver e de viver de um determinado povo. Não podemos, simplesmente, achar que passamos a ver o mundo como uma pessoa aimará – o que seria deveras desrespeitoso – ao passo em que podemos, em outro sentido, deles aprender a conferirmos que um dado espaço

complexifica-se em modos distintos quando nos propomos a percebê-lo a partir das marcas sensíveis das historicidades com que ele embalamos; para, como diria Rivera-Cusicanqui (2018, p. 83), “fazer de sua polaridade o espaço de criação”.

Não somos todos ch’ixi: reivindicar o oposto seria equivalente ao esforço de tentar sucumbir uma tradição epistêmica em um apaziguamento, de homogeneizar o que é específico – e, por isso, deveras precioso. A partir deste modo de saber deveras localizado, somos por ela chamados a conferir nossas próprias vocativas ao nos relacionarmos com o espaço-tempo e, com isto, revelar as contradições que encarnamos ao saber sobre os lugares revelando os mundos em que vivemos – permitindo-nos com eles transitar.

Podemos, assim, admitir que em um espaço transitório – como o Mercado – diferentes experiências culturais do tempo são exercidas e, com isso, olhares diversos e outras combinações epistêmicas se articulam ao espaço conferindo contornos aos lugares e admitindo qualidades as relações sociais e temporais que ali se dão. Com minha vista, urgem as sensibilidades de um retirante cearense influenciado pelas leituras das obras de Rivera-Cusicanqui; e, isso, dou a ver as minhas próprias impurezas pelas quais admito contornos a este lugar.

Com o conjunto sensível aflorado das lembranças e dos esquecimentos encarnados por quem convive com as contradições coloniais, urgem modos de ver que destoam das respostas sistematizadas pela lógica moderna que conjurou sentidos únicos. É na possibilidade de dizer por outras vias, de acionar referentes inconstantes nas firmas de uma cultura nacional, que respostas imprevistas podem surgir e podem superar caracterizações homogêneas em respeito à constituição heterogênea das sociedades. Isto é, em diálogo com Luciana Amormino (2023), considerarmos a “memória como um gesto”, como uma proposição instável, conflitiva em que agentes dão a ver relações com o tempo e modos de significar os acontecimentos.

Ao entrar no Mercado, diferente de estar em um pedaço do mundo, realizamos movimentos em gestos que dialogam e que divergem com distintos mundos no mesmo instante. Caminhando com o Mercado é sensível que “nos movemos em vários mundos ao mesmo tempo”, tomando as palavras de Cusicanqui (2018, p. 70) ao fundamentar as dimensões abigarradas como prática de instabilização da vida e de copertença das dimensões simbólicas. É preciso entrar no mercado para ver os mundos que ali se tocam, que ali se chocam: conversamos com pessoas que anunciam doces, tocamos tecidos e objetos para sentir as texturas, nos deslocamos por lugares participando de

uma entramação instável que colide o mundo de sentidos que erguemos conosco com outros mundos que ancoram os agentes com quem interagimos. Ali, nossos mundos se sobrepõem de modos incalculáveis para devirem gestos de uma experiência que expressa a heterogeneidade criativa de cada encontro.

O ato de entramar diz, aqui, do reconhecimento dos agentes diversos que conferem exercícios de tramas simbólicas a partir das interações e das negociações. Trata-se de um chamado para ver as disputas, as ranhuras que fazem das experiências urbanas um tear em fricções sociais e temporais na medida em que admitimos que interpretações particulares são possíveis a cada sujeito e, com isto, uma mesma situação pode ser cadenciada de modos singulares. Silvia Rivera-Cusicanqui (2018, p. 65), ao admitir as particularidades dos agentes como vias constituintes dos encontros, nos provoca a abandonar os ideais de pureza e de imparcialidade para, na presunção das diferenças, tecer aproximações e entramá-las como gesto para nos permitimos vida, para movimentarmos as ideias. O Mercado, aqui tomado como um texto escrito por muitas mãos, entrama o tempo e o espaço em tessituras incompletas em constantes (des)feituuras a partir de quem ali se enovela.

Notar os mundos que emergem a partir de lugares abigarrados é a chave pela qual Rivera-Cusicanqui (2015, p. 302, tradução nossa) propõe a sociologia da imagem como uma redoma que “entrelaça a teoria com a prática” e, nisto, se opõe às prerrogativas de isenções. O corpo-memória que mobiliza sentidos com a imagem é uma ruptura com o distanciamento analítico pressuposto pela ciência moderna ao tomar a prática e teoria como flexões que se dão nas encarnações, que urgem com o conjunto de experiências dos sujeitos envolvidos como elementos de atenção e de moldagem das percepções atribuídas durante as leituras e as mobilizações de conceitos.

É preciso, pois, nos abirmos aos encontros. Isto é, nos desarmarmos de nossas certezas e nos permitirmos às dúvidas que podem surgir ao derivar por uma ambiência mutável, por um lugar cadente em contornos que podem ser (des)conhecidos se desnaturalizados e questionados para além do que urge à primeira vista. Silvia Rivera-Cusicanqui (2018) é parte de uma geração de pensadoras críticas às colonialidades e que toma as experiências como modo de saber. Interessa, para ela, desafixar-se dos indicadores e das informações lógicas previamente dadas que nos dizem que, em um dado dia, passaram um número regulado de pessoas no Mercado e compraram um montante de produtos; para, por outra chave, viver o lugar para tomar o

corpo como dimensão sensível por onde é possível tatear camadas inexploradas pelos números que homogeneizam o lugar.

### **Notas sobre caminhar e fotografar**

O Mercado Central é um dos corações de Belo Horizonte. Muito mais que um cartão-postal para o mundo, ele pulsa os mundos que ali se encontram para constituir vida com o lugar. É possível ver outras faces do Mercado se, para além das lentes e das lógicas classificatórias, mirá-lo com as sensibilidades que urgem ao seguir caminhos, que desenfreiam corações. As reflexões de Cusicanqui (2018) para valorizar as dimensões abigarradas são também chamados a “corazonar” posicionando os sentimentos, os impulsos, as sensações como bases para compor sentidos que deixam emergir saberes e que desaterram as lógicas comuns.

É caminhando pelo Mercado que as sensibilidades desmontam as informações do Guia para Turistas ao atribuir cores, cheiros e movimentos imprecisos às galerias. Em um dos percursos, encontramos o quiosque do Tio Antônio. Conhecido pela exclusiva venda de caipirinhas e de bebidas com groselha desde 1948, aquele ponto integra o imaginário de Belo Horizonte e do Mercado Central a partir de narrativas partilhadas, inclusive, por quem ainda não provou os geladinhos com limão. Pôr-se frente ao estabelecimento, outrora imaginado, nos permite emergir sentimentos de toda ordem: percebo-me ansioso para beber algo gelado, sinto aflorar curiosidade sobre a (des)aprovação do sabor que logo sentiria descer pela garganta, vejo outras pessoas bebendo, confiro que estou imerso no forte cheiro de limão e que o julgo agradável enquanto confronto a foto do fundador da iniciativa e conto dinheiro para adquirir o primeiro gole.



Figura 2 - Banca de Caipirinha  
 Fonte: AUTOR, 2023

Não é preciso consumir caipirinha no Mercado para narrá-lo, por certo. Contudo, viver o mercado e abrir-se aos encontros nos parece uma postura que valoriza as possibilidades de saber com os outros em relações horizontais e, nisto, questionar a pureza das pesquisas de gabinete que, de modo vertical, nos dizem sobre os outros. O Mercado, tal qual os lugares onde podemos realizar partilhas simbólicas com os outros, insurge contra tabulações diante da possibilidade de transformar-se com as interações, com os imprevisíveis.

Ao nos abrimos em encontros, nos inserimos como parte das entramações que nos propomos a narrar e posicionamos as sensibilidades que ali ganham vida como modos de saber sempre inovadores em razão da unicidade de cada experiência, dos movimentos incalculáveis dos agentes. Ali, no quiosque de limonada, o percurso errático realizado pelo Mercado tem uma parada para entramar-se em experiências com o vendedor, com a caipirinha admitindo negociações simbólicas entre coisas e pessoas sob as contradições do espaço que nos permite devir significações a partir das experiências.

Ao fotografar estas entramações, as imagens nos deixam ver o encontro e as agências em negociações simbólicas. Firmam-se como um testemunho admitindo que outros encontros serão possíveis e nenhum deles será capaz de enrijecer ou de afirmar em resposta única a essência do lugar, depondo fragmentos experienciais sobre o que o quiosque nos convida a viver e que essas vivências são sempre particulares porque estão circunscritas no tempo, nos dizem de pessoas distintas, com aberturas peculiares. Assim, as fotografias deixam ver o olhar do fotógrafo combinado com as performances de quem com ele interage e, nisto, confrontam as vocativas por uma realidade comum. As interações com abigarradas multidões são, para Rivera-Cusicanqui (2015, p. 19, tradução nossa), um gesto para postar-se diante de elaborações ch'ixi que, enredadas, permitem tatear “o impulso coletivo de realizar um desejo, o ato de conhecer/atualizar o passado e de imaginar outro futuro possível no caminho” por meio do (in)visível na micropolítica das relações diárias inscritas em imagens e imaginários mobilizados nos corpos e nas performances públicas.

As entramações entre agentes para narrar experiências com imagens no Mercado convoca a ruptura com binarismos e, conseqüentemente, assume a possibilidade de existirem mais que dois lados, pois nos encontramos permeados por uma seara instável em que somos intimados a valorizar as agências e os poderes dos diversos perfis envolvidos e que conosco participam da composição. Rivera-Cusicanqui (2015, p. 207, tradução nossa) convoca a figura de uma “consciência fronteiriça” para propor a tessitura de entendimentos distintos que se fazem em caminhadas e que, em encontros, desaterram a pretensão de um conhecimento universal ao reconhecer modos particulares de saber que se atravessam sem se anularem.

Cada pessoa, coisa e lugar mobilizam mundos que lhes são particulares ao mesmo tempo que estão abertos para serem compartilhados com outros em interações e em proposições narrativas. Interessa, aqui, admitir que mundos de vida são mobilizados por agentes a partir das relações sociais e temporais que conformam com os outros ao se entramarem. Carregamos mundos conosco que, em práticas de corazonar, partilhamos com os outros ao conjugá-los sempre abertos a se (des)montarem em razão das trocas simbólicas.

O esforço ao produzir narrativas visuais, deste modo, não confere um gesto estabilizador do tempo. Diferente da lógica moderna que aloca o presente como um marcador neutro passível de tornar-se passado estabelecendo as firmas do que já não pode ser e do que pretende se tornar em vias do progresso, a experiência das

entramações acionam ocorridos em devires sob as contradições do presente enquanto caminhamos no Mercado e, nisto, diferentes experiências culturais do tempo emergem e ancoram-se produções visuais.

### Notas sobre a instabilidade das visualidades



Figura 3 – Bar Fortaleza  
Fonte: AUTOR, 2023

Ao caminhar pelo Mercado, encontramos o Bar Fortaleza. Pertencentes a donos cearenses e entramando historicidades dos consumidores, a fotografia realizada deste lugar é um documento da incerteza, da imprecisão das relações nutridas com o espaço ao negociar sentidos sobre as práticas sociais possíveis e sobre as experiências temporais que ali tomam forma. A trama social e temporal praticada pelo andarilho é também um processo de ressignificação. A fotografia aponta o que pode ser, não o que ‘é’ o bar e as práticas sociais ali vividas. Nesse processo, a fotografia seleciona o que merece (ou não) ser dito sobre o lugar de acordo com as intenções de quem fotografa em simbiose com as negociações dos outros que interagem.

Estamos diante, pois, de elementos para pensar em uma “imagem dialética” que Rivera-Cusicanqui (2018, p. 89) percebe ao conferir que composições visuais fundamentam expressões temporais e sociais possíveis a partir da prática de uma história não-linear e frente a uma constelação de sentidos. Afinal, ao tomarmos imagens como índices e reconhecermos escritores e leitores como agentes que operam sentidos instáveis, diferentes elementos mobilizados pelo corpo-memória em meio a Mercado se

constelam a fim de atribuir contornos simbólicos e esta relação não é natural ou pré-formatada: diferentes temporalidades, sensíveis imprevisíveis são acionados e articulados ao tecer relações imagéticas que não obedecem a lógica linear do tempo e tampouco reproduzem de modo automático as classificações regulamentadas pelas normas do lugar.

O resfriamento da cerveja, de preparo do tira-gosto inerentes ao bar; estão enredados no mercado com os mundos de vida, versados em tempos, dos transeuntes e dos produtos outros que firmam lógicas temporais complexas. Ali, como passageiro, aporto sob os signos da pressa urbana um devir inquieto que tem hora de voltar para casa; com minha câmera, a configuração temporal instável da fotografia como ato narrativo articula estas temporalidades em um disposto visual; enquanto versa a prática temporal pelas lógicas de funcionamento do dispositivo.

Ao reconhecer as emergências de significações possíveis com as imagens a partir da instabilidade das relações que com elas se constrói, modula-se olhar crítico aos argumentos que as ponderam como uma cópia análoga da realidade e, no exercício de uma outra sociologia da imagem, Rivera-Cusicanqui (2015, p. 74, tradução nossa) nos convida a lê-las como “uma interpretação da sociedade de sua época, em suas dimensões abigarradas e conflitivas”. Ao invés de um documento do real, interessa a pesquisadora aimará pensar as imagens como uma perspectiva socialmente intencionada e impregnada das tensões que a configuram em razão das experiências de quem a inscreve num dado contexto histórico, inserido em meio a afirmações e negações de mundos.

### **Notas sobre os desalinhos das sociologias da imagem**

Desta vez, não encontrei a esperada barraca de queijos. Ainda que esta fosse uma intenção, nossos passos não nos permitiram tal encontro. Ao fluirmos com o lugar, ainda que o apontamento inicial não tenha se efetivado, outros mundos deveras valioso tomaram formas com as experiências. O que, para mim, é um queijo especial ao acionar o referente de uma experiência anterior; para Lucas e Sibely fora uma promessa inalcançada, uma expectativa não cumprida – enquanto outros queijos e outros quiosques ocuparam, para eles, o imaginário de um ‘queijo deliciosíssimo’. O imaginário de um dado queijo, a partir de uma banca específica pode alçar-se como um bom caso em sociologias das imagens se considerarmos que nossas agências nesta experiência constituem-se como “políticas de uma mirada intrusa” que, propostas por

Jácome; Kabalin e Leal (2021), são configuradas a partir das tensões entre quem olha e quem é olhado.

A mutabilidade das experiências em razão de quem as encarna é, pois, a potência das sociologias das imagens para Macêdo (2023) que, retomando as proposições de Rivera-Cusicanqui (2015, 2018), discute a transitoriedade dos sentidos ao posicioná-los como elementos fundamentais pelos quais mundos de sentidos são conjurados. Diferente da rigidez das conclusões ou das proposições classificatórias, exercícios em sociologias da imagem pautam-nos a considerar as incompletudes, as manchas, as disputas que fundamentam determinadas proposições de sentidos e pelas quais, com elas, as tensões sociais emergem. Com as imagens deste exercício metodológico, o que dá-se a ver, portanto, são as caminhadas e os mundos que com elas emergem. Isto é, como discute Flavio Valle (2018) em sua tese de doutorado, considerar que as imagens entramam-se com a historicidade do lugar que as figura e, nisto, são testemunhos relacionais do contexto em que tornam-se possíveis.

Caminhar e fotografar estabelece um fluxo em que as agências inerentes a estes atos combinam-se. De modo atento, pensava estas implicações com Prussiana Fernandes e com Igor Luís ao retomarmos os experimentos metodológicos ao deambular entre bancas de jornais (MACEDO; SOUZA; GABRIELLA; PIMENTEL, 2023) e considerarmos que, em conjunto, instauram um movimento instável em que as temporalidades das duas performances negociam um ritmo de ser e de estar nos espaços. Fotografar pede uma pausa, enquanto deambular impõe um ritmo que desfixa o corpo. Esta experiência das ruas em centros urbanos brasileiros não é tão diferente a que experiencio no Mercado. Ali, naquelas galerias, caminhar e fotografar combinam-se como um modo de (vi)ver com o espaço em que as desnaturalizações sensíveis nos permitem, por um lado, atenuar os movimentos que empreendemos; por outro, inscrever os mundos de sentidos que visualizamos.

Estes mundos em coexistência, admitidos pelas imagens e pelas experiências entre fotografar e caminhar, são “catástrofes” nos sentidos propostos por Bruno Leal e Itânia Gomes (2020) que não dizem respeito a um evento ruptor que a todos abalam; voltando-se ao que há de (des)familiar quando nos permitimos deslocamentos nos modos de ver e de admitir os acontecimentos. O Mercado, com os mundos de sentidos que abriga, é catastrófico para a episteme moderna ao voltar-se contra ela incitando a cada caminhante a ver e a admitir a potência em significações aos lugares que com ele tornam-se sensíveis; ao passo que, ao nele deambularmos, o cruzo com um bar chamado

Fortaleza, o degustar de uma caipirinha com groselha e impossibilidade de encontrar uma banca me são deveras catastróficos: com estas experiências, são os modos encarnados de ver e de viver com o espaço que se destroem e se recompõem no micro da minha experiência incitando outros modos de (me) perceber no/com o lugar.

Pensar a sociologia das imagens a partir destas miradas catastróficas é, pois, um gesto para admiti-las como um processo cotidiano e fortemente amparado no que há de relacional em nossos modos de saber. Como discutia com Bruno Leal, mundos podem se desnivelar em catástrofes cotidianas revelando as “multidimensionalidades dos acontecimentos” (LEAL, MACÊDO, 2024) que admitem formas diversas de significação e que demandam um “dar fé”, um modo particular de ver deveras contextualizado, deveras implicado por quem o mobiliza. As imagens decorrentes das catástrofes ao caminhar e fotografar coexistem em dinâmicas que nem sempre são pacíficas e, a cada encontro que as fundamenta, são imaginários que se friccionam e com os quais embalamos nossos corpos para dizer em fotografias nossas tomadas de posição – como discutia em outros trabalhos (MACÊDO, MACHADO, 2023).

Já não se trata, portanto, de convencionar uma fotografia do Mercado Central que se proponha a explicá-lo. Por outro ângulo, as sociologias das imagens discutidas por Macêdo (2023) a partir das proposições de Rivera-Cusicanqui (2010, 2015, 2018) conferem-se em imagens perenes que testemunham as mobilidades do encontro, que deixam ver as agências de quem as enreda e pela qual uma versão sempre incompleta e questionável do lugar e dos agentes é (re)feita como expressão do tempo e das presenças que o sedimentam.

## REFERÊNCIAS

AMORMINO, Luciana. **A memória como gesto: artesanias temporais em uma cidade-trapeira**. Tese (doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2023.

AMORMINO, Luciana; ANDRADE, Rafael. **Experiências culturais do tempo: espaço-tempo, tradições, narrativas**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2020

DALTRÉ, Liz. Mundo ao Revés: Silvia Rivera Cusicanqui e a criação de uma episteme visual para a América Andina. **História e Historiografia**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, 2023.

FERNANDES, Prussiana. **Jogos de poesia na tradução da cidade: no rastro deambulatório dos saraus de periferia e poetry slams em Venda Nova e Barreiro**, em Belo Horizonte. Tese (doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2024.

JÁCOME, Phellipy; KABALIN, Julieta; LEAL, Bruno. Olhares intrusos: reflexões e miradas sobre um mundo ch'ixi. **MATRIZES**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 299-314, 2021.

KOVALCZUK, Amanda. A sociologia de Silvia Rivera-Cusicanqui: aproximações ch'ixi sobre o cuidado. **Revista Contraponto**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, 2022.

LEAL, Bruno. Notas sobre comunicação e experiência e suas implicações metodológicas. LEAL, Bruno; MENDONÇA, Carlos. **Teorias da comunicação e experiência: aproximações**. Cachoeirinha: Fi, 2023.

LEAL, Bruno; GOMES, Itânia. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. MAIA, Jussara; BERTOL, Rachel; VALLE, Flávio; MANNA, Nuno. **Catástrofes e crises do tempo: historicidades dos processos comunicacionais**. Belo Horizonte: Selo PPGCom/UFMG, 2020.

LEAL, Bruno; MACÊDO, Daniel. “Dar fé” à catástrofe cotidiana: a multidimensionalidade dos acontecimentos. **E-Compós**, [S. l.], 2024.

LEAL, Bruno; MACÊDO, Daniel; SALES, Poliana;. A pesquisa como deambulação: implicações epistêmicas e metodológicas. LEITE, Amanda; LEAL, Bruno; GHIZONI, Liliam; DARWICH, Rosângela. **Inspirações metodológicas em contextos amazônicos**. Belo Horizonte, Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022.

MACÊDO, Daniel. Sociologias das imagens em perspectivas: miradas epistêmicas a partir das contribuições de Sílvia Rivera-Cusicanqui e de José de Souza Martins. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 17, n. 3, 2023.

MACÊDO, Daniel; MACHADO, Elian. Fotografia e fricções de imaginários sobre a Praia do Futuro. **Discursos Fotográficos**, v. 20 n. 33, 2023.

MACÊDO, Daniel; SOUZA, Francielle; GABRIELLA, Letticia; PIMENTEL, Thiago (Orgs.). **De banca em banca**: percursos entre catástrofes cotidianas. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2023.

RIVERA-CUSICANQUI, Sílvia. **Ch'ixinakah utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires, Tinta Limón, 2010.

RIVERA-CUSICANQUI, Sílvia. **Sociología de la imagen**: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires, Tinta Limón, 2015.

RIVERA-CUSICANQUI, Sílvia. **Un mundo ch'ixi es posible**: ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires, Tinta Limón, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TAYLOR, Diana. **¡Presente!** The politics of presence. Durham: Duke University Press, 2020.

VALLE, Flavio. **Caminhar Imagens**: Visualidades de São Paulo. Tese (doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2018.